

PRINCIPAIS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A INSERÇÃO DE ADOLESCENTES EM UMA ENTIDADE SOCIAL

Cláudia Cristina GÓIS¹

Salete Freitas CASADEI²

RESUMO: O presente artigo, intitulado como: “Principais fatores que contribuem para a inserção de adolescente em uma entidade social”, tem como objetivo, focar somente os adolescentes atendidos na entidade DOM BOSCO, de Pirapozinho/SP, de modo a fazer um panorama geral sobre as condições de vida desses adolescentes, de seus familiares e das transformações ocorridas na sociedade nos últimos tempos, que tem afetado a demanda “adolescentes”.

Palavras-chave: Adolescentes, pobreza, exclusão social, cultural e familiar.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo fazer uma abordagem sobre os principais fatores que contribuem para que os adolescentes sejam inseridos numa entidade social, em especial na instituição “DOM BOSCO” de Pirapozinho/SP.

¹ Aluna do Curso de Pós Graduação em Políticas Sociais e Processos de Gestão, das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” em Presidente Prudente-SP

² Aluna do Curso de Pós Graduação em Políticas Sociais e Processos de Gestão, das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” em Presidente Prudente-SP

2. DESENVOLVIMENTO

A entidade “DOM BOSCO”, foi fundada no Município de Pirapozinho, Estado de São Paulo, no ano de 2.004.

Tem como função o acolhimento de adolescentes na faixa etária de 13 a 18 anos de ambos os sexos, provenientes de família em situação de exclusão social, econômica e cultural, residentes no município.

A instituição é uma entidade civil de caráter assistencial, sem fins lucrativos, e atualmente atende diariamente uma demanda de 111 adolescentes.

Sendo que, desses 111 adolescentes 28 são oriundos de famílias que possuem renda fixa que varia de 01 a 03 salários mínimos, e 83 fazem parte de famílias que não possuem renda fixa, que vivem apenas de doações da comunidade, assistência social e trabalho eventual^{3[1]}.

O foco principal da entidade é oferecer aos adolescentes à oportunidade de inserção na sociedade, de modo a focar valores e conceitos historicamente desgastados, tais como: relacionamento familiar, religiosidade, moralidade, etc.

A entidade, além de outras atribuições visa instrumentalizar o adolescente profissionalmente, e destaca dentre suas ações, a formação pessoal que se faz premente num país globalizado, como é o caso do Brasil.

Para tanto, a instituição utiliza como base para o desenvolvimento do trabalho o **“Protagonismo Jovem”** que se apresenta necessariamente por suas características estruturais com pólos de atração da juventude, como a outra face da moeda que de um lado apresenta o centro da juventude e do outro o jovem como agente.

Ainda que a atividade de formação desse agente possa ocorrer em qualquer lugar e, portanto, operacionalmente possa aparecer como atividade independente, do ponto de vista filosófico a oferta de um espaço físico para que o jovem possa ter suas demandas,

^{3[1]} Dados fornecidos pela assistente social da entidade

aspirações e áreas de interesses coletivamente equacionados, entre seus pares, precisa ser contrabalanceada por sua necessidade de expressão, de sua individualidade, e autenticidade, que por si só demandam espaços de atuação em que o jovem se sinta útil, participante e efetivo.

Ante ao exposto, a entidade busca desenvolver no Município, um trabalho que venha atender as drásticas conseqüências que vem sendo provocadas desde o surgimento do capitalismo monopolista e que tem rebatido na conjuntura sócio-econômica, com seus efeitos acentuados pela globalização, visto que o processo de exclusão tem gerado cada vez mais situações de perversa desigualdade social, que repercutem com maior intensidade sobre os adolescentes pobres, levando estes, a necessitarem de serviços, ações organizadas e adequadas as suas condições de **“pessoa em desenvolvimento”**, tal como prevê o Estatuto da Criança e Adolescente.

Tendo em vista que o conceito da adolescência é um período crítico de evolução biológica para o indivíduo, e que é durante estes anos que se adquire forma de comportamento e atitudes de grande importância para o seu desenvolvimento, é necessário, e possível ajudar o adolescente a preparar-se para a idade adulta mediante orientação prévia sobre questões vitais de biologia humana, saúde, doenças e adaptações de conduta.

Porém, deve-se ainda valorizar a subjetividade do adolescente e influências do meio, não se reportando apenas a quesitos técnicos e práticos.

É preciso que a adolescência seja entendida como um período de mudança entre a infância e a idade adulta, que na procura de uma identidade própria ocasiona uma crise interna na personalidade interferindo e modificando a estrutura anteriormente bem delimitada, levando em conta como foi a vida desse indivíduo/ adolescente na fase anterior, pois se o adolescente não vivenciou uma fase harmônica (boa dinâmica familiar), isso acarretará danos na fase da adolescência, e que sem dúvidas precisará ser trabalhado pela equipe técnica.

Com relação ao corpo técnico de uma entidade social que atende essa demanda, é importante que ao intervir nas atividades sócio educativas haja a preocupação de respeitar as opções de cada um, bem como o entendimento de que o adolescente possui direitos a

informação e as condições dignas de vida para que possam realizar suas escolhas com liberdade.

Compete ainda, a equipe técnica, fazer a mediação e a reflexão do adolescente sobre o seu papel na sociedade, seus direitos e deveres, seu compromisso consigo mesmo e com a coletividade.

Faz-se, necessário destacarmos ainda, nesse artigo que, para o desenvolvimento dos trabalhos com os adolescentes a entidade utiliza-se de todo o aparato legal, instituído na sociedade brasileira ao longo da história, tais como:

- Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1.990, que dispõe sobre: o Estatuto da Criança e do Adolescente;
- Lei nº 8.742 de 07 de dezembro de 1.993, que dispõe sobre: a Lei Orgânica da Assistência Social;
- Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1.996, que dispõe sobre: Lei de Diretrizes e Bases da Educação;
- Lei nº 10.097/2002, que dispõe sobre: a legalização do trabalho do menor aprendiz.

A doutrina da proteção integral e a garantia dos direitos infanto-juvenis foram alicerçadas pelo estatuto da Criança e do Adolescente.

Os adolescentes autores de atos infracionais, usuários de substâncias químicas e os envolvidos com prostituição estão à margem de um atendimento que possa oferecer resultados positivos.

Embora não se tenham dados que comprovem uma situação real, sabe-se que a maioria dos adolescentes que ingressam no mercado de trabalho estão despreparados tanto pela formação escolar básica, como pelas exigências atuais do mercado. Este despreparo resulta na vinculação a um mercado informal, geralmente com baixa remuneração, e na execução de tarefas que vão desde a atividade repetitiva, insalubre, que provoca fadiga física, até aquelas realizadas em ambientes e locais impróprios a esta faixa etária.

2.1 Perfil do adolescente atendido pela entidade

A maioria dos adolescentes atendidos na entidade, são oriundos da periferia do município, bairros localizados em bolsões de pobreza, que tem como características: o desemprego, a drogadição, a prostituição juvenil, a dinâmica familiar conturbada, dentre outros aspectos.

Alguns dos adolescentes atendidos pela entidade DOM BOSCO são encaminhados através de sua mantenedora, a qual é denominada: **“Obras Reunidas de Assistência Social, São José Operário”**, também localizada no município de Pirapozinho, que atende crianças de 06 a 13.

À outra parcela de adolescentes que freqüentam a entidade, são oriundos da iniciativa da própria família, que devido a sua condição de extrema pobreza vêm o adolescente como **“um peso”** para o grupo familiar que sem perspectivas financeiras não tem condições de garantir-lhes sequer condições básicas de sobrevivência.

Para melhor demonstrarmos os principais fatores sobre a realidade desses adolescentes, atendidos na entidade, elaboramos um questionário que aborda os aspectos abaixo relacionados, para que alguns deles pudessem responder de acordo com seu ponto de vista.

- Olhar do adolescente sobre a sua estada na entidade;
- Visão da sociedade sobre a estada do adolescente na entidade;
- A relevância que a entidade têm na vida dos adolescentes;
- O fortalecimento do vínculo familiar, após o período de permanência na entidade.

As questões elencadas acima, foram respondidas por quatro dos adolescentes atendidos na DOM BOSCO, cujos principais pontos levantados por estes, apontam para a questão da **oportunidade de inclusão social, pessoal e cultural**.

“Nós achamos que estar aqui é uma grande honra, pois vemos que há um grande número de adolescentes nas ruas, se drogando e até mesmo se prostituindo, e também existe um grande número de pessoas querendo estar aqui, fazendo parte dessa grande família, pois aqui é uma segunda casa e temos uma grande mãe chamada Salete”. (relato de um dos adolescentes atendido na entidade)

Outro aspecto que os adolescentes destacaram com intensidade, foi o sentimento de **acolhimento, coletividade, convivência, suprimento e resgate dos vínculos familiares**.

“Depois que começamos a participar da entidade, a família melhorou 100% porque aqui só aprendemos o que é bom. Uma coisa que ajudou muito é o Grupo de Mães.” (relato de um dos adolescentes atendido na entidade)

Todos citaram que a sociedade ainda tem preconceito com as pessoas “pobres”, fato que provoca a **baixa estima** deles, e que após sua permanência na entidade vem sendo resgatada pela equipe técnica.

“Nós achamos que ela (sociedade) nos vêem adolescentes de baixo nível social, e na maioria das vezes ela julga como aqui só houvesse tranqueira, isto para nós que estamos aqui há muito tempo, achamos que é um grande preconceito”. (relato de um dos adolescentes atendido na entidade)

Alguns dos adolescentes, relataram que existem membros da sociedade que passaram a vê-los com “outros olhos”, ou seja, como cidadãos.

“Existe uma parte da sociedade que nos vêem com outros olhos...que nós melhoramos de comportamento...agora vemos o mundo de outra forma”. (relato de um dos adolescentes atendido na entidade)

Os adolescentes relataram também que ao longo de sua permanência na entidade houve o resgate do sentimento de cidadania, o que vem possibilitar a perspectiva de um futuro melhor.

“Com o apoio que temos aqui dos profissionais que encontramos nessa entidade, que nos acolhem, nos ensinam e que nos valorizam o nosso futuro...” (relato de um dos adolescentes atendido na entidade)

De acordo com o resultado obtido no questionário efetuado com os adolescentes, é conveniente fazermos uma interpretação sobre o que diz o artigo 3º do ECA (Estatuto da Criança e Adolescente).

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Sabe-se que na prática a Lei não é efetivada na íntegra. Embora os direitos sejam validados, o que se vê na mídia, nas ruas e nos órgãos tutelares é uma população fragilizada, exposta e vítima de um sistema excludente e preconceituoso.

Desse modo, por mais que se tenha, todo um aparato legal com relação aos direitos sociais, constata-se que a sociedade permanece vulnerável aos males gerados pelo sistema capitalista de produção, e que a legislação em vigor não passa de uma carta de boas intenções...

2.2 Perfil das famílias dos adolescentes atendidos na entidade

Antes de falarmos sobre o perfil dessas famílias, faz-se necessário o entendimento sobre o termo família na sociedade atual.

Ao se pensar na família hoje, devemos considerar as mudanças que ocorrem em nossa sociedade, como estão sendo construídas as novas relações humanas e de que forma as pessoas estão cuidando de suas vidas familiares.

As trocas intersubjetivas nas famílias não podem ser vistas isoladamente. As mudanças que ocorrem no mundo afetam a dinâmica familiar como um todo, e de forma particular cada família conforme sua composição, história e pertencimento social.

Devido às condições adversas, as famílias em decorrência da miséria, desemprego, problemas estruturais acabam, muitas vezes dissociando-se, ou seja, cada membro segue o caminho que a vida lhe couber. Com esta dissociação perde-se o referencial primário e conseqüentemente há a busca de compensações, tais como: álcool, drogas e atos ilícitos para obterem aquilo que “nunca tiveram”.

Nesse cenário observa-se uma escalada de violência atrelada ao alcoolismo e consumo de drogas que tem efeitos devastadores nas famílias tenha ela a configuração/estrutura que tiverem, o que rebate em cheio na vida dos adolescentes.

Dentro desta particularidade, e de acordo com informações da assistente social da entidade, o que se percebe com as famílias dos adolescentes atendidos na DOM BOSCO é

o sistema matrifocal, onde a mãe está preocupada primeiramente com suprimentos materiais, sem, porém, deixarem de lado a questão afetiva.

Mas, que, devido às condições de extrema pobreza dessas famílias, a questão afetiva para com o adolescente não é levada em conta como deveria de fato, para o bom desenvolvimento desta fase tão conturbada.

Outro aspecto levantado na pesquisa, e que aqui merece destaque, são os **grupos operativos com famílias**, que tem abordado com bastante ênfase, a questão do resgate da afetividade.

Os grupos ocorrem quinzenalmente em horários pré-estabelecidos e sugeridos pelos pais.

São grupos de auto ajuda, onde cada um traz as experiências que sentirem necessidade de socializar. O técnico responsável pelo grupo se encarrega de “fechar” a idéia com conteúdos teóricos sem, portanto, direcionamentos ou imposições.

Um aspecto muito importante resgatado nos grupos é a questão da “presença” da família na vida do adolescente; presença essa, não física, mas interna e plena: *“Olha meu filho, eu estou aqui, eu me preocupo com você, eu olho por você e te amo...”*

Em sua grande maioria são famílias fragilizadas, desprotegidas e sedimentada na sobrevivência apenas.

Um outro aspecto, que merece apreciação, é a **visão de mundo** de cada família; dentro de suas particularidades como é vivenciado o cotidiano e como isso reflete no adolescente que vem para a Entidade, se tornando demanda para grupo e demais atividades propostas.

Em avaliação periódica e devolutiva das famílias, percebe-se a evolução em alguns quadros (quisera em todos) de dinâmicas familiares e demais relações, onde o desgaste e ausência de orientação causaram danos.

3. CONCLUSÃO

Conclui-se, que os principais fatores que levam os adolescentes a serem inseridos numa organização social dá-se de **modo singular** dentro da realidade vivenciada por cada um; muito embora, as situações tenham se apresentado de forma semelhante, tais como: dificuldades econômicas, afetivas, sociais e educacionais.

O espaço das organizações sociais acabam sendo uma possibilidade de contribuir para o fortalecimento das relações pessoais e sociais, oportunizando o acesso á “vida social” (esporte, cultura,lazer, etc) sedimentada em valores e virtudes positivas inerentes ao ser humano.

Apesar de vivenciarem muitas dificuldades, o sonho e a perspectiva de um futuro melhor fazem parte da vida desses adolescentes. Sabem que um dos caminhos será a busca por uma digna colocação no mercado de trabalho e, conseqüentemente a necessidade de prosseguir nos estudos, o que, é sabido por todos que a escola pública não oferece subsídios para isso, dificultando assim na superação de obstáculos presentes e futuros.

Um fator considerado de referência para se ter condições dignas de existência social e pessoal é a comunidade onde moram; em particular nas periferias de cidades pequenas, onde o acesso aos recursos da comunidade, o preconceito e a violência são acenados de forma bastante “sacrificada” na busca por oportunidades de inserção social, cultural e profissional. A violência, a drogadição e outros delitos, tornam-se atos “normais” e, adolescentes compartilham deste mundo, aceitem ou não.

Enfim, os projetos sociais voltados para o acolhimento e atendimento ao adolescente não pode desconsiderar ou tratar superficialmente questões de tão profunda relevância.